

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBIEX: “DESVENDANDO SILÊNCIOS- COMPREENDENDO AS FORMAS SUTIS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER”

PIBIC EXPERIENCE REPORT: “UNCOVERING SILENCES-UNDERS- TANDING THE SUBTLE FORMS OF VIOLENCE AGAINST WOMEN”

Jeany Castro dos Santos ¹

Maisy Alves Moura ²

Resumo: O presente relato de experiências destaca as vivências no âmbito do projeto de extensão “Desvendando Silêncios: Compreendendo as Formas Sutis de Violência contra a Mulher”, vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Extensão (PI-BIEX). Essas experiências emergiram a partir do diálogo estabelecido com estudantes do curso de Serviço Social da Universidade Estadual do Tocantins, campus Palmas, Estado do Tocantins, por meio da aplicação de um questionário. O principal objetivo desse instrumento foi investigar a realidade da violação dos direitos humanos das mulheres. O questionário se revelou como um meio eficaz para desvelar nuances menos evidentes da violência contra a mulher, promovendo uma abordagem mais atenta e menos estigmatizada. A análise dos dados permitiu inferir que a violência sofrida por essas mulheres, embora não se manifeste apenas de forma física, é uma força subjacente que permeia todas as outras formas de violência. Esse fenômeno, com fases de tensão, violência e arrependimento, evidencia a necessidade de um olhar crítico das assistentes sociais na mediação das expressões da questão social.

Palavras-chave: Violência. Mulher. Serviço Social

Abstract: The present account of experiences highlights the lived realities within the extension project “Unveiling Silences: Understanding Subtle Forms of Violence against Women,” linked to the Institutional Program for Extension Initiation Scholarships (PI-BIEX). These experiences emerged from dialogues with students in the Social Work program at the State University of Tocantins, Palmas campus, Tocantins State, through the administration of a questionnaire. The primary goal of this tool was to investigate the reality of human rights violations against women. The questionnaire proved to be an effective means of uncovering less apparent nuances of violence against women, promoting a more attentive and less stigmatized approach. Data analysis allowed inferring that the violence suffered by these women, though not solely physical, is an underlying force permeating all other forms of violence. This phenomenon, with phases of tension, violence, and repentance, underscores the need for a critical perspective among social workers in mediating expressions of social issues.

Keywords: Violence. Woman. Social Work

1 Doutora e Mestra em Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4894236Z4>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4479-0839>. E-mail: jeanycastros@gmail.com Maisy Alves Moura - Graduanda em Serviço Social pela Universidade Estadual do Tocantins ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-3097-9280> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/310081310561546>

2 Graduanda em Serviço Social pela Universidade Estadual do Tocantins ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-3097-9280> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/310081310561546>

Introdução

A violência contra a mulher é uma realidade presente na vida de muitas mulheres, independentemente de sua condição econômica, raça ou etnia. Segundo a socióloga Heleieth Saffioti, uma referência na área de estudos de gênero e violência, “a violência contra a mulher é um instrumento de dominação masculina que se manifesta de forma contínua e cíclica, refletindo as desigualdades de gênero presentes na sociedade” (SAFFIOTI, 2021). Esse ciclo perpetua-se através de mecanismos de controle psicológico, emocional e físico, criando uma armadilha da qual é extremamente difícil escapar, tanto pela dependência emocional quanto pela ameaça constante de novos episódios de violência.

No Brasil, o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) atua como uma ferramenta crucial para os profissionais de saúde, ao registrar as diversas formas de violência que as mulheres enfrentam. O SINAN não apenas revelou as formas mais relatadas de violência, mas também expôs aquelas subnotificadas. De acordo com os dados do SINAN, a violência psicológica contra mulheres é a menos relatada, representando apenas 1,5% dos casos em todos os estados, enquanto a violência física lidera com uma cobertura nacional de 75,9%.

Diante dessa realidade impactante, torna-se imperativo ampliar a discussão sobre os abusos psicológicos presentes nesse ciclo. Identificar esses abusos de maneira oportuna pode prevenir a evolução negativa dos relacionamentos nos quais as mulheres estão envolvidas. Reconhecendo a violência psicológica como uma forma sutil de agressão contra a mulher, este estudo visa aprimorar a compreensão dessa violação dos direitos humanos. Através de uma pesquisa exploratória envolvendo estudantes de Serviço Social na Universidade Estadual do Tocantins, obtivemos insights sobre a dinâmica em torno da violência de gênero.

Depois de estudos meticulosos e leituras acerca do tema, sob a orientação da professora Dra. Jeany Castro, foi elaborado um pequeno questionário exploratório para conhecer a realidade da violência contra a mulher no ambiente acadêmico. No dia 19 de setembro de 2023, a partir das 19h30 horas, foi disponibilizado o questionário com um link em QR Code para todas as turmas de Serviço Social a fim de atingir os objetivos outrora expostos. Houve uma turma em específico, que era a turma cujo período a professora orientadora ministrava suas aulas, que teve mais engajamento ao acolher o questionário. Antes de aplicar o questionário, foram esclarecidos os motivos pelos quais o questionário deveria ser respondido pelas mulheres.

Assim, terminadas as devidas apresentações, as mulheres das turmas de Serviço Social da Unitins se disponibilizaram e acolheram a proposta do projeto. Além de disponibilizar na hora o questionário para as turmas, a divulgação via redes sociais também contou com o apoio do Centro Acadêmico de Serviço Social (CASS) Elizângela Glória Cardoso, que disponibilizou para a comunidade acadêmica do curso, o link de acesso. Assim, no tocante ao período de coleta de respostas ao questionário, ao todo, foram 30 mulheres que se disponibilizaram a colaborar com a pesquisa. Dessa forma, com essa população, pôde-se perceber muitas nuances acerca do que está diante dos olhos de toda a sociedade.

Metodologia

O relato aborda a execução do primeiro objetivo específico do projeto de extensão “Desvendando Silêncios: Compreendendo as Formas Subtis de Violência contra a Mulher”, que visava elucidar as formas menos visíveis de violência contra a mulher. O projeto explorou aspectos psicológicos, emocionais e sociais associados a essas manifestações sutis de abuso. A coleta de dados ocorreu por meio de um questionário aplicado às acadêmicas do curso de Serviço Social do câmpus de Palmas, conduzido pela aluna

bolsista, sob orientação da mentora. Para a formulação do questionário, realizou-se um estudo prévio, consultando a literatura sobre o tema. Referências principais incluíram a Lei Federal Maria da Penha, nº 11.340, de 07 de agosto de 2006, e literaturas pertinentes à legislação de proteção contra a violência doméstica e familiar.

A aplicação do questionário envolveu visitas a todas as salas de aula, durante as quais o projeto foi apresentado e o convite foi estendido. A primeira visita foi realizada com o 4º período do curso de serviço social, no dia 19 de setembro de 2023, às 19h30, onde os alunos foram recebidos com um lanche coletivo. Para os outros períodos, o questionário foi enviado por meio de whatsapp pelo Centro Acadêmico de Serviço Social Elizângela Glória Cardoso. O questionário foi disponibilizado por meio de QR code, resultando em um total de X questionários respondidos.

A próxima etapa consistiu na categorização das respostas e na criação de gráficos, os quais foram discutidos em relação ao referencial teórico que fundamentou a elaboração do questionário. Essas análises proporcionaram insights valiosos para a compreensão das formas sutis de violência contra a mulher, contribuindo para o enriquecimento do conhecimento nessa área.

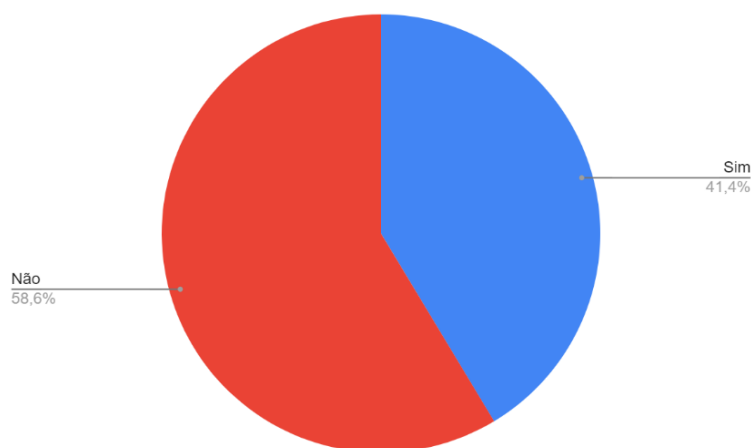
Resultados e discussão

No total, 29 mulheres acadêmicas do curso de Serviço Social participaram da pesquisa, conscientes da sensibilidade do tema que poderia evocar lembranças emocionais delicadas. Não havia uma previsão específica para o número de respostas, dado o alto índice de desistências e trancamentos no curso de Serviço Social da Unitins, impossibilitando uma estimativa exata das alunas remanescentes após o período de matrículas.

A análise das respostas das acadêmicas de Serviço Social da Unitins revela a presença latente da violência doméstica e familiar contra a mulher. Em torno dessa persistente violação, existe uma coerção social impregnada pelo patriarcalismo (RODRIGUES, 2018), que as mantém em relacionamentos abusivos, fazendo-as persistir na esperança de uma mudança de atitude por parte do parceiro ou parceira.

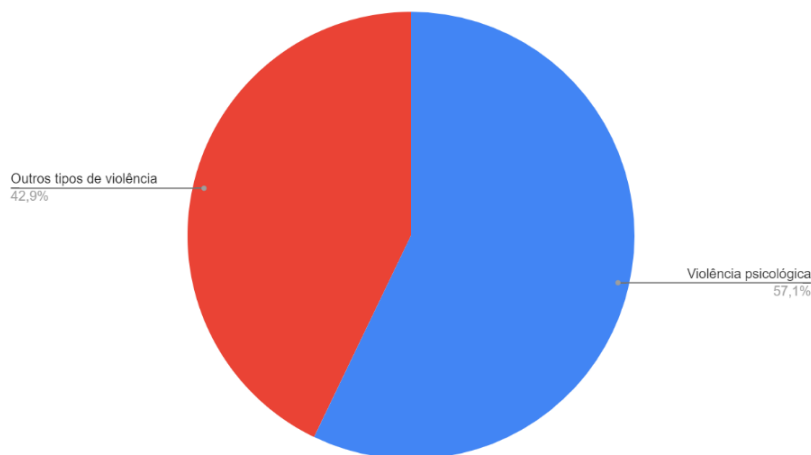
Como resultado da pesquisa, das 29 mulheres que responderam ao questionário, 12 vivenciaram situações de violência, sendo que oito delas relataram terem sido vítimas de violência psicológica, seguida de outros tipos de violência. Algumas mulheres foram vítimas de mais de um tipo de violência, no entanto, a forma de violação prevalente foi a psicológica. Conforme gráfico a seguir:

Gráfico 1. Mulheres que passaram por situações de violência



Fonte: Elaboração própria com base em dados coletados pela pesquisa.

Gráfico 2. Tipos de violência relatados pelas mulheres



Fonte: Elaboração própria com base em dados coletados pela pesquisa.

Este achado pode parecer contraditório, pois muitas mulheres enfrentam situações de abuso emocional e psicológico, no entanto, esse tipo de violência, apesar de previsto na Lei Maria da Penha, é o menos notificado, devido à sua dificuldade de identificação e à possibilidade de ser confundido com traços de personalidade difícil ou comportamento explosivo do cônjuge. Além disso, de acordo com a legislação mencionada, configura-se como violência psicológica

[...] qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação. (BRASIL, Lei 11.340/06, Art. 7º, II.)

Além disso, esse tipo de violência não deixa marcas visíveis no corpo, ao contrário da dor física que é facilmente identificável. No entanto, quando se trata de agressão psicológica, ela é praticada de forma tão sutil que a mulher muitas vezes se torna incapaz de reconhecê-la imediatamente, adaptando-se a essa realidade e chegando a naturalizá-la. Assim, para que ocorra a naturalização desse tipo de violação de direitos, é necessário que haja um conformismo antecedente a isso: a naturalização das desigualdades entre homens e mulheres, que não é um fenômeno decorrente do presente século, mas que esteve presente em todos os períodos da história da humanidade, como também em vários contextos sociais (Okin, 2008, p. 14). Da mesma forma, passa despercebida pelo agressor, que pode desqualificar as acusações como injustas ou exageradas.

A partir da vivência dessa experiência e da reflexão sobre essa violação de direitos humanos, foi possível constatar que, apesar da ênfase dada à violência física, mesmo pelas próprias vítimas, a violência psicológica é a que permeia de antemão todas as outras. Como mencionado anteriormente, existem fases – 1: momento de tensão; 2: ato da violência; 3: arrependimento – que levam a outras agressões previstas na Lei Maria da Penha. No entanto, mesmo que a agressora tente esgotar todas as possíveis formas de violência, sempre haverá outras maneiras de cometer esse crime contra a mulher.

A pesquisa, ainda em andamento, continua com as etapas de desenvolvimento de materiais educativos e de conscientização, como folhetos informativos e realização de workshops. O objetivo é compartilhar os resultados da pesquisa e capacitar as mulheres a reconhecerem e enfrentarem essas formas de violência, contribuindo assim para a promoção de relações saudáveis e igualitárias.

Considerações finais

Este relato de experiências destaca a relevância do projeto de extensão “Desvendando Silêncios: Compreendendo as Formas Sutis de Violência contra a Mulher,” vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Extensão (PIBIEX). As vivências emergiram a partir de diálogos com estudantes do curso de Serviço Social da Universidade Estadual do Tocantins, revelando nuances menos evidentes da violência contra a mulher.

A aplicação do questionário se revelou como um meio eficaz para desvelar manifestações sutis de abuso, proporcionando uma abordagem mais atenta e menos estigmatizada. A análise dos dados revelou que a violência contra a mulher, embora não se manifeste apenas fisicamente, é uma força subjacente que permeia todas as outras formas de violência. O ciclo de tensão, violência e arrependimento destaca a necessidade de uma abordagem crítica por parte dos assistentes sociais na mediação das expressões da questão social.

Os resultados da pesquisa indicam que a violência psicológica é uma forma subnotificada de abuso, apesar de sua presença latente. As fases iniciais do projeto permitiram entender a complexidade dessa violência, destacando a importância de abordagens mais sensíveis e a necessidade de conscientização. Este relato de experiências destaca a relevância do projeto de extensão “Desvendando Silêncios: Compreendendo as Formas Sutis de Violência contra a Mulher,” vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Extensão (PIBIEX). As vivências emergiram a partir de diálogos com estudantes do curso de Serviço Social da Universidade Estadual do Tocantins, revelando nuances menos evidentes da violência contra a mulher.

A aplicação do questionário se revelou como um meio eficaz para desvelar manifestações sutis de abuso, proporcionando uma abordagem mais atenta e menos estigmatizada. A análise dos dados revelou que a violência contra a mulher, embora não se manifeste apenas fisicamente, é uma força subjacente que permeia todas as outras formas de violência. O ciclo de tensão, violência e arrependimento destaca a necessidade de uma abordagem crítica por parte dos assistentes sociais na mediação das expressões da questão social.

Os resultados da pesquisa indicam que a violência psicológica é uma forma subnotificada de abuso, apesar de sua presença latente. As fases iniciais do projeto permitiram entender a complexidade dessa violência, destacando a importância de abordagens mais sensíveis e a necessidade de conscientização.

A pesquisa, ainda em andamento, continuará com a criação de materiais educativos e workshops para compartilhar os resultados e capacitar mulheres na identificação e enfrentamento dessas formas de violência. O objetivo é contribuir para a promoção de relações saudáveis e igualitárias, ampliando o entendimento sobre a violência psicológica e seu impacto nos relacionamentos. Essa experiência enfatiza a importância do PIBIEX como ferramenta eficaz na abordagem de questões sociais relevantes, promovendo a interseção entre ensino, pesquisa e extensão.

Referências

BRASIL. **Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm. Acesso em: 21 jan. 2023.

Brasil. (2006). **Lei N° 11.340, de 7 de agosto de 2006.** Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Retirado em 19/01/2023, do http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm

OKIN, Susan Moller. **Gênero, o público e o privado**. Estudos Feministas, Florianópolis, n. 16, p. 305 – 332. 2008.

Vasconcelos, N. M., Bernal, R.T.I, Souza, J., et al. **Subnotificação de violência contra as mulheres**: uma análise de duas fontes de dados. Ciência e Saúde Coletiva [periódico na internet] (2023/Set). [Citado em 19/01/2024]. Disponível em: <http://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/subnotificacao-de-violencia-contra-as-mulheres-uma-analise-de-duas-fontes-de-dados/18899?id=18899&id=18899>

RODRIGUES, Viviane Isabela. A trajetória histórica da violência de gênero no Brasil. **Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**, Vitória - ES, ano 2018, v. 1, ed. 1, p. 1-18, 21 maio 2019.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, Patriarcado e Violência**. 10. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

Recebido em: 24 de fevereiro de 2024.

Aceito em : 10 de junho de 2024.